

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*: ressonâncias entre genealogia e historiografia

Lucas de Almeida Pereira
Doutorando em história pela Unesp de Assis

RESUMO: Os historiadores associados ao periódico *Annales* executaram pesquisas que não partiam de uma filosofia transmissora de um sentido de unidade, buscando transitar por diferentes caminhos abertos por outras ciências assimilando suas tecnologias à perspectiva histórica. Esta relação, indissolúvel, com as ciências sociais permitiu aos *Annales* suprirem suas demandas metodológicas a partir da apropriação de conceitos próprios de outros campos. A partir dos anos setenta, a terceira geração de autores ligados aos periódico pautou seu referencial teórico nas idéias de Michel Foucault. Para compreender esse paradoxo, um filósofo como teórico de uma historiografia anti-filosófica, enveredaremos pelo diálogo ocorrido nos anos 1970 entre os historiadores da *nouvelle histoire* e Foucault, buscando evidenciar o impacto deste diálogo na constituição da *genealogia*, modelo de análise histórico-filosófico desenvolvido pelo pensador francês.

PALAVRAS CHAVE: Foucault, Annales, Genealogia, Nova História

ABSTRACT: Historians associated with the journal *Annales*, sought to perform historical researches that depart from a philosophy of transmitting a sense of unity passing through different pathways opened by assimilating the ideas from other social sciences to the historical perspective. This relationship, indivisible, with social sciences allowed *Annales* to take their basic methodological demands from the appropriation of concepts in other fields. From the seventies, the third generation of authors linked to the *Annales*, took their theoretical framework from the ideas of Michel Foucault. To understand this paradox, a philosopher as the theorist of an anti-philosophical historiography, we'll embark on the dialogue occurred in the 70's among historians of "nouvelle histoire" and Foucault in order to enhance the impact of this dialogue on the production of *genealogy*, the historical-philosophical model developed by the french thinker.

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

KEYWORDS: Foucault, Annales, Genealogy, New History

Em termos teóricos a epistemologia dos *Annales* baseia-se muito mais num empirismo do que numa reflexão apurada sobre os conceitos que constituem a história. Lucien Febvre aumentou o abismo entre o ofício do historiador e a perspectiva filosófica. Para ele, os historiadores “tradicionais” (e aqui sempre temos em mente os autores ligados à escola metódica) retiravam seus referenciais filosóficos das teses de Comte. Sob tal perspectiva, o combate de Febvre era para que a autonomia do historiador permitisse que a história se constituísse como disciplina, já que para os “tradicionais” era mais abordada como uma metodologia:

A história não era, dizia-se, uma disciplina particular com um conteúdo perfeitamente definido. Era um ‘método’: um método em condições de se tornar, no domínio das ciências dos Homens, o método quase universal (IBID, p. 20).

É, portanto, em torno da transformação (e não da supressão) das *teorias* da história que Febvre aponta suas armas. Para ele não seria possível a construção de um trabalho científico sem o estabelecimento de uma teoria, a mudança fundamental se dá em torno do objetivo dessas teorias que não devem ter “por objeto último descobrir leis, mas permitir-nos compreender” (IBID. p. 120). A oposição entre descoberta de leis e possibilidade de compreensão enquadra-se na proposta de Febvre de produzir uma história-problema partindo de questionamentos e não de sistemas metodológicos.

Para Marc Bloch esta perspectiva não é diferente. Na introdução de sua *Apologia à história* (BLOCH, 2001), Bloch define como uma das funções do filósofo a crítica aos sistemas de pensamento, deixando claro que este é um elemento que lhe é fugidio. Esse

estudo dos métodos em si mesmos constitui, à sua maneira, uma especialidade, da qual os técnicos se nomeiam filósofos. É um título ao qual não posso pretender. Em função dessa lacuna em minha formação

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

inicial, o ensaio aqui apresentado sem dúvida perde muito (BLOCH, 2001, p.50).

Há, portanto, uma profunda similitude nas posturas de Bloch e Febvre no tocante à relação entre filosofia e história. Encontramos em ambos uma recusa das teorias e métodos pré-estabelecidos em prol de uma construção teórica baseada na própria *práxis* do historiador. Essa postura se tornou, de certa forma, uma regra geral na formação dos historiadores franceses, como afirmou Le Goff na introdução de *Apologia da história*

Podemos ver aí, também e sobretudo, uma característica tradicional dos historiadores franceses. Em sua maioria, eles não têm — prudência ou falha? — gosto pela filosofia em geral e pela filosofia da história em particular. Este livro é um tratado de método, não um ensaio de filosofia histórica. (LE GOFF, *in* BLOCH, 2001, p. 23)

A partir desta ilustração sucinta podemos posicionar a crítica dos *Annales* à história cientificista e filosófica sobre três aspectos que, como veremos adiante, se mantêm por todas as fases do periódico e podem ser considerados fios condutores que ligam as pesquisas, tão dispersas entre si. Em primeiro lugar temos uma crítica às ambições desta história política, história de nações, baseada no evento. Os autores dos *Annales* propõem uma leitura mais verticalizada, em termos de transformações da sociedade a longo prazo. Tais transformações não ocorrem apenas no campo político, derivando também da economia, da sociedade e da cultura. Por isto, para apreender o movimento histórico é necessário ir além do tempo curto, compreender a história diacronicamente. Para dar conta destes diferentes fenômenos que passam a compor o território histórico, o historiador deve manter constante diálogo com outros saberes, com outras ciências sociais.

A relação de interdisciplinaridade é multifacetada e varia de acordo com os autores do periódico. Os autores ligados aos *Annales* não se furtaram dos debates teóricos referentes à sua época. Braudel e Lévi-Strauss¹ em torno da relação história x estrutura, Le

¹ BOURDÉ & MARTN, p.131

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

Goff e Hayden White e a questão da narrativa². Paul Veyne, em sua aula inaugural no *College de France* (VEYNE, 1983), sintetizou essa proposta interdisciplinar cunhada pelos *Annales* na qual a história pode se tornar um vetor de evolução das ciências humanas “a História não deixa de se tornar, gradativamente, uma aplicação das ciências do homem; ela utiliza tais ciências, e talvez mais freqüentemente ainda, faça-as progredir” (VEYNE, 1983, p.30).

Em segundo lugar, os autores dos *Annales* sempre buscaram levantar a questão das temporalidades. José Carlos Reis põe a questão da temporalidade como central para se compreender as diferentes fases do periódico. Para Reis a *nouvelle histoire* “realizou uma revolução epistemológica quanto ao conceito de tempo histórico” (REIS, 1994, p.09). Ele argumenta que os *Annales* foram responsáveis por uma terceira mudança na forma de se compreender o tempo histórico. A primeira revolução se deu quando a religião rompeu com o mito. A segunda corresponde ao momento em que a filosofia rompeu com a religião. Os *Annales* situam-se numa nova etapa, marcada pelo distanciamento com a filosofia e pela aproximação da história com as ciências sociais, passando a valorizar não apenas os eventos, mas também os elementos inconscientes que permeiam a sociedade. Para isto os autores ligados aos *Annales* promovem um desaceleramento do tempo, onde

Os eventos são inseridos em uma ordem não sucessiva, simultânea. A relação diferencial entre passado, presente e futuro enfraquece-se, isto é, a representação sucessiva do tempo histórico é enquadrada por uma representação simultânea. As “mudanças humanas” endurecem-se, desaceleram-se. Tornam-se comparáveis aos movimentos naturais e incorporam as qualidades desses; homogeneidade, reversibilidade, regularidade, medida (IBID, p. 18).

Assim, a despeito das diferenças de perspectivas entre os historiadores ligados aos *Annales* “a perspectiva da duração, a tentativa de superação do evento, a partir da influência das ciências sociais” (IBID, p. 20). Por fim, o último elemento que destacamos como caracterizador dos *Annales* são as diferentes perspectivas estabelecidas com a documentação. Na primeira geração temos a crítica à pobreza documental (dado os critérios

² LE GOFF, 1992, p. 36-7

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

excessivos para se estabelecer algo como documento) e a sugestão para a ampliação das fontes, incluindo aí os textos não-oficiais e fontes não-escritas, como vimos com Febvre e reafirmado por March Bloch, “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 1996, p.87). A segunda geração autores como Braudel e Chaunu empreenderam a serialização da história, procedimento pautado na análise documental quantitativa. Já na terceira geração encontraremos a noção de documento-monumento (um dos importantes diálogos com Foucault) e a tentativa de superação história serial através das microanálises do cotidiano.

Interdisciplinaridade, atenção para a questão da(s) temporalidade(s) em história e crítica documental, são esses três aspectos que permanecem por todas as gerações de pesquisadores ligados aos *Annales* como um fio condutor, uma linha mestra que permite ligar pesquisas tão dispersas. No entanto, não se trata de uma ligação sólida, estável, antes disso, tal elo se baseia na forma como cada autor se apropria dessas orientações gerais, podendo optar por uma análise serial, quantitativa ou estabelecendo uma análise dirigida; pode trabalhar com longa, média ou curta duração; pode dialogar com a antropologia, com a geografia ou com a psicologia.

Ainda na década de 1970, como vimos, para uma boa parte da comunidade dos historiadores, a relação entre filosofia e história era turbulenta e indesejável. Os trabalhos de Foucault, no entanto, alcançaram ampla repercussão entre historiadores a despeito de suas diferenças de formação. Foucault acabou sendo inserido na estratégia dos *Annales* de dialogar com os críticos da história absorvendo tais críticas como ferramentas de pesquisa. Entre 1967 e 1971, período que compreende desde *As palavras e as coisas* à publicação do artigo *Nietzsche a genealogia e a história*, a referida aproximação é direta e toma forma de diálogo. Foucault, como veremos, estava atento à produção histórica dos *Annales* e dialogou com eles para definir as especificidades de seus projetos pessoais, à época a arqueologia dos sistemas de pensamento.

O momento em que Foucault, em plena ascensão no meio intelectual, produz suas críticas ao modelo corrente de história serial coincide também com a ruptura entre Braudel e os *Annales*, um momento no qual o periódico passava por profundas reformulações, que

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

iam desde novas estratégias de publicação à fragmentação da diretoria do periódico, que desde então deixou de ser associado a uma figura e passou a representar um coletivo. Momento, portanto, de reciclagem e de necessidade de legitimação. São as ressonâncias deste momento que pretendemos levantar.

O grande ponto de inflexão entre Foucault e os historiadores dos *Annales* se deu na introdução da *Arqueologia do saber*³ (FOUCAULT, 1987). Este livro ocupa uma posição de transição teórica-metodológica entre a sistematização do pensamento arqueológico e, posteriormente e a partir da leitura de Nietzsche, o desenvolvimento do projeto genealógico. Desta forma o livro cumpre o papel de transição, de fechar um ciclo, pois, por um lado busca amarrar suas três obras anteriores, a saber *A história da loucura; O nascimento da clínica; As palavras e as coisas*, sob o eixo comum do pensamento arqueológico; por outro lado, esse balanço também permite a Foucault desprender-se de vários conceitos, abrindo a possibilidade de uma nova forma de trabalho que não excluiu a arqueologia mas a englobou e a utilizou como uma ferramenta secundária. A reflexão que Foucault faz de seus trabalhos anteriores não visa apenas colocá-los em perspectiva, mas definir o que possibilitou tais pesquisas a partir de uma forma, de um modelo de análise que Foucault denominou arqueologia. O termo, nos alerta o próprio Foucault, é ambíguo, pois *Arché* significa origem, conceito refutado ao longo da obra, e arqueologia remete a escavações, pesquisas na profundidade. Pelo contrário, a função da arqueologia é fazer uma análise na própria *superfície* do discurso, ou seja, não procurar por debaixo dos discursos o que é o pensamento dos homens, mas tomar o discurso em sua existência manifesta. Foucault analisa a regularidade própria do discurso, em detrimento de tentar interpretá-lo. Para justificar seu projeto, Foucault compara-o à historiografia.

Em poucas páginas Foucault traça o percurso de paralelo entre as pesquisas empreendidas pela história “dos historiadores” e as histórias produzidas pelas disciplinas (história das ciências, da filosofia etc.). Por um lado, no campo da história “oficial”,

Há dezenas de anos que a atenção dos historiadores se voltou de preferência, para longos períodos, como se, sob as peripécias políticas e seus episódios, eles se dispusessem a revelar os equilíbrios estáveis (...) as

³ A partir deste ponto nos referiremos a este texto simplesmente como *Introdução*.

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

grandes bases imóveis e mudas que o emaranhado das narrativas tradicionais recobriria com toda uma densa camada de acontecimentos (FOUCAULT, 2005, p.3).

Destaque para o trecho “há dezenas de anos”. Ora, tal procedimento se refere às análises empreendidas pelos autores relacionados aos *Annales*, desde os anos 30, mas em especial aos estudos demográficos e seriais e sua vasta produção entre as décadas de 1950 e 1970. Em uma entrevista publicada em junho de 1967 (FOUCAULT, 2000, p. 62-77), intitulada “Sobre as maneiras de escrever a história”, dois anos antes, portanto de começar a redigir *Arqueologia do saber*, Foucault destaca a importância de Braudel para a formação de uma nova forma de abordar de pensar a história: “dentre os trabalhos que hoje asseguram uma aventura nova no saber, é necessário incluir os livros de Braudel, de Furet e de Denis Richet, de Le Roy Ladurie” (IBID p.62). À época Foucault atribuiu a estes novos historiadores algumas características, entre elas a de romper com a oposição entre história e ciências sociais, trazendo ao campo do historiador um novo vocabulário, além de valorizarem a pluralidade de tempos e de formas de periodização da história, ao assumirem que a história move-se em diferentes temporalidades, percebendo que a “periodização manifesta, escandida pelas revoluções políticas, não era sempre (...) a melhor forma possível de recorte” (IBID. p. 63).

Foucault então observa que na mesma época, as histórias das ciências, entendidas aqui como as histórias das disciplinas produzidas de maneira “autônoma”, normalmente sem a presença de historiadores de ofício, tomavam um direcionamento oposto, buscando não mais evidenciar o equilíbrio temporal, as continuidades encontradas em processos de longa evolução, mas, justamente, desviar o foco para os fenômenos de Ruptura.

Mais ou menos na mesma época, nessas disciplinas chamadas histórias das idéias, das ciências, da filosofia, do pensamento e da literatura (a especificidade de cada uma pode ser negligenciada neste instante), nessas disciplinas que, apesar de seu título, escapam, em grande parte ao trabalho do historiador e a seus métodos, a atenção se deslocou, ao contrário, das vastas unidades descritas como ‘épocas’ ou ‘séculos’ para fenômenos de ruptura. (FOUCAULT, 1987, p. 4)

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

Para Foucault as diferenças estabelecidas entre a história “dos historiadores” as histórias das idéias possui um eixo comum: a crítica documental. Vemos, portanto uma bifurcação de perspectivas e não um paralelismo que anula o diálogo entre ambas as formas de história afinal, “os problemas colocados são os mesmos, provocando, entretanto, na superfície, efeitos inversos” (IBID, p.7). História dos historiadores e história das idéias se renovaram a partir da transformação do conceito de documento, desvinculando-se da “história tradicional”⁴. Para Foucault, a história “tradicional” legava aos historiadores o papel de coletores de vestígios que buscavam aplicar uma leitura estritamente hermenêutica ao documento, leitura essa que o torna “matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros” (IBID, p. 7). Para além da reconstituição de fatos, aceitando o documento como verdade, a história nova, ao contrário, efetua uma leitura relacional dos documentos, que devem ser pensados como uma massa de elementos singulares cuja análise só é possível através da colocação em série

Em nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens (...), uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, inter-relacionados, organizados em conjunto (IBID, p.8[Grifos do autor]).

Esta concepção ampliada de documento (decorrente, por parte dos historiadores, das concepções dos primeiros autores dos *Annales*) institui quatro questionamentos para a história “clássica” (dos historiadores). Em primeiro lugar, as análises quantitativas deveriam

⁴ É necessário destacar que Foucault entende por “história tradicional” um conjunto de perspectivas bastante semelhante àquelas atribuídas aos metódicos por Febvre, associando-a inclusive às filosofias da história. Atentemos para o que Foucault destaca como a novidade da Nova História que “se libertou do que constituía, ainda há pouco, a filosofia da história, e das questões que ela colocava (sobre a racionalidade ou a teleologia do devir, sobre a relatividade do saber histórico, sobre a possibilidade de descobrir ou de dar um sentido à inércia do passado e à totalidade inacabada do presente (FOUCAULT, 2005, p. 12)”

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

passar a focar mais a constituição de séries o que permite multiplicar as possibilidades em termos de métodos, objetos e temporalidades. Encontramos aqui o exato oposto da perspectiva metódica, afinal se trataria agora de ampliar as perspectivas que um documento pode oferecer, exauri-lo e não limitá-lo “daí a possibilidade de fazer com que apareçam séries com limites amplos, constituídas de acontecimentos raros ou repetitivos” (IBID, p. 9). É fundamental atentarmos para a função da história serial na constituição da genealogia foucaultiana. Os historiadores seriais, ao empreenderem análises de diferentes temporalidades (longa, média, curta duração) definiram níveis diferentes de pesquisa, recebendo também respostas diferentes. Cada estrato de tempo,

Cada periodização recorta na história um certo nível de acontecimentos e, opostamente, cada estrato de acontecimentos exige sua própria periodização. Trata-se de um conjunto de problemas delicados, já que, de acordo com o nível escolhido, será preciso delimitar periodizações diferentes, e, conforme a periodização que se dê, atingir-se-ão níveis diferentes. Acede-se, assim, à metodologia complexa da descontinuidade (FOUCAULT, 2000, p. 63).

Foucault atenta para a função imprescindível da descontinuidade para a pesquisa histórica e atribui, como vimos, os elementos da descontinuidade à história praticada pelos historiadores. Para a história tradicional o descontínuo era o elemento impertinente que deveria ser integrado a uma perspectiva total. O desvio que deveria ser absorvida numa racionalidade linear. Os historiadores metódicos, ao estabelecer a análise do documento buscavam “apará-lo”, suprimindo suas incongruências para integrá-lo a um evento. Desta forma “a descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história” (FOUCAULT, 1987, p. 9). A descontinuidade agora desempenha um papel central na pesquisa do historiador, pois é seu instrumento primordial, “constitui, de início, uma operação deliberada do historiador” (IBID, p. 9).

Têm-se a consciência de que o objeto de trabalho e a documentação se fazem por opções conscientes do pesquisador, que deve “pelo menos a título de hipótese sistemática, distinguir os níveis possíveis de análise, os métodos que são adequados a cada um, e as

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

periodizações que lhe convém” (IBID, p.10). Afinal, a liberdade para a construção de um fato não é a base da história-problema de Febvre: “Elaborar um fato é construir. Se se quiser é fornecer resposta a uma pergunta. E se não há pergunta, só há o nada” (FEBVRE, 1976, p. 21)? A ampliação do domínio documental e o convite à liberdade de seleção, de escolhas na pesquisa, possibilitou aos historiadores elaborar novas noções de temporalidade. A pesquisa serial é descontínua: procede através da elaboração da pergunta, da seleção de fontes e de formas de analisar essas fontes, respeitando a temporalidade na qual estão inclusas. A descontinuidade, tão cara à genealogia, está profundamente ligada à história dos historiadores e a seus métodos. O problema da descontinuidade também está ligado, portanto, aos trabalhos de história serial, à época praticados pelos autores ligados aos *Annales*.

Em terceiro lugar há uma passagem da história *global* para a história *geral*. A história global empreende pesquisas que buscam “a significação comum a todos os fenômenos de um período, a lei que explica sua coesão” (FOUCAULT, 1987, p.11). Aspira apreender a totalidade de uma época através da união de elementos dispersos numa linha contínua. Ora, na historiografia francesa da época tal empreitada certamente se refere a trabalhos não apenas de “história tradicional” mas também à ambição de Braudel. Atentemos à definição de “história global”

O projeto de uma história global é o que procura reconstituir a forma de conjunto de uma civilização, o princípio - material ou espiritual - de uma sociedade, a significação comum a todos os fenômenos de um período, a lei que explica sua coesão. (IBID, p. 11)

Em oposição à historiografia “macro”, Foucault propõe uma história *geral* que deve ser delimitar quais as relações possíveis entre as diversas séries documentais analisadas desdobrando assim “o espaço de uma dispersão” (IBID, p. 12). Desta forma, o olhar se desloca das grandes pesquisas para as empreitadas “micro”, para estudos de caso, para a multiplicação das séries

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

O problema que se apresenta - e que define a tarefa de uma história geral - é determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries (...) em resumo não somente que séries, mas que "séries de séries" (...) é possível constituir (IBID, p. 11-12)

Por fim, Foucault convida os autores da Nova História a repensarem seus parâmetros metodológicos, sugerindo-lhes que encarassem os problemas teóricos que uma história de cunho serial apresenta, tais como definição de nível de análise, o estabelecimento de escolhas voluntárias em torno do objeto escolhido, seleção de fontes, etc. Para o pensador francês,

A estes problemas pode-se atribuir a sigla do estruturalismo. Sob várias condições, entretanto, eles estão longe de cobrir, sozinhos o campo metodológico da história, de que só ocupam uma pequena parte cuja importância varia com os domínios e os níveis de análise (IBID. p. 13).

No entanto, não é ao estruturalismo antropológico a que Foucault aqui se refere, mas a problemas que “nasceram no campo da própria história – essencialmente no da história econômica e em virtude das questões que ela colocava” (IBID. 13). Estrutura, portanto, não é aqui compreendida sob o ponto de vista etnográfico, sincrônico e avesso à ruptura, mas sob a égide da história serial, dos agrupamentos entre séries de documentos e as questões que ela suscita (flutuações de preços, curvas estatísticas) e que “não autorizam, de modo algum, que se fale de uma estruturalização da história” (IBID.13)⁵. Alinha-se portanto a um pensamento de estrutura não como Lévi-Strauss mas semelhante à visão de Febvre, que, de acordo com Reis, resistiu à aplicação do termo estrutura mas

Reconhecia que o estudo das relações contemporâneas sustenta o estudo das relações entre elementos que se sucedem. O estudo dessas relações

⁵ A relação entre Foucault, estruturalismo e história é vasta. François Dosse enxergava em Foucault uma forma de estruturalismo que o próprio Dosse não soube definir. Esse “estruturalismo” foucaultiano era distante dos antropólogos, se assemelhando mais às propostas de Febvre e de Braudel.

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

sincrônicas e sucessivas só se poderia fazer a partir da colocação de problemas e da construção de hipóteses e não de uma narrativa que organize os eventos a partir de um epílogo pré-dado (REIS, 2000, p. 71).

Antes de submeter a história à corrente estruturalista, Foucault convidou os historiadores a refletirem acerca das conseqüências metodológicas que as novas direções de pesquisa, possibilitadas pela ampliação geral do conceito de documento, salientando, porém que “Essa mutação epistemológica da história não está ainda acabada” (IBID, p. 13). Como um todo, notamos na introdução da *Arqueologia do saber* a possibilidade de diálogo, a despeito do paralelismo, entre a produção de uma história das idéias em Foucault e a história dos historiadores, ambos apoiados num interesse comum pelo documento.

Pouco tempo depois do lançamento de *Arqueologia* Foucault recebeu uma cadeira no prestigiado Collège de France, instituição diferenciada que privilegiava mais a pesquisa do que o ensino. Este sistema permitiu a Foucault dedicar a maior parte de sua carreira acadêmica como pesquisador, empreendendo pesquisas inéditas anualmente, pesquisas que, por sua vez, tem sido publicadas gradativamente até hoje (o último traduzido no Brasil foi *Do governo dos vivos* em 2010)! Foucault intitulou sua cátedra como “História dos sistemas de pensamento”. Em sua aula inaugural, publicada sob o título *A ordem do discurso* (FOUCAULT, 1996), ele reformulou seu projeto arqueológico, considerado insuficiente para efetuar uma análise do discurso por minimizar a instância prática do problema, sem estabelecer os efeitos que os discursos exercem no real, e em que medida constituem e são constituídos pelo real.

Para empreender suas análises em torno da “História dos sistemas de pensamento”, Foucault propôs a adoção de dois conjuntos de análise, o “crítico” e o genealógico. O conjunto crítico refere-se aos aspectos oriundos da *Arqueologia do saber* que Foucault agora articula como elementos de apoio à dimensão genealógica e operando na “análise das instâncias de controle discursivo” (FOUCAULT, 1996, 61), ao conjunto crítico cabe a análise dos discursos, seu controle e limites, os processos de reagrupamento e de unificação. O conjunto crítico permanece atrelado ao mundo da análise discursiva arqueológica.

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

Já o conjunto genealógico abordaria os efeitos que os discursos (analisados por si no conjunto crítico) impõem ao real, a partir de que agrupamentos se formam e qual sistema de coação podem deflagrar, enfim, em relação aos discursos “a genealogia estuda a sua formação, que é simultaneamente dispersa, descontínua e regular” (FOUCAULT 1996, p. 65). No entanto apesar de distinguir seus conjuntos de análise, Foucault salienta que crítica e genealogia são formas de reflexão que devem necessariamente se complementar, por um lado questionando as formas de limitação discursiva e por outro detectando as marcas que tais discursos aplicam ao real:

Toda a tarefa crítica, interrogando as instâncias de controle, deve ao mesmo tempo analisar as regularidades discursivas por intermédio das quais aquelas se formam ; e toda a descrição genealógica deve ter em conta os limites atuantes nas formações reais. Entre a tarefa crítica e a tarefa genealógica, a diferença não está tanto no objeto ou no domínio, mas no ponto a atacar, na perspectiva e na delimitação (FOUCAULT, 1996, p.66).

Por isso, salientamos que na *entesthung*, no momento preciso da emergência da genealogia no pensamento foucaultiano o diálogo pretendido era com os historiadores de ofício, buscando traçar as possíveis ressonâncias entre o projeto de uma nova “história dos sistemas de pensamento” e a nova história dos historiadores. Antes de encontrar suas bases em Nietzsche, Foucault desenvolveu a genealogia enquanto reflexão histórica, ainda que paralela à história dos historiadores, mas que guardava com eles preocupações de termos conceituais e metodológicos. Para ele

As noções fundamentais que agora se impõem não são as da consciência e da continuidade (com os problemas da liberdade e da causalidade que lhes são correlativos), já não são as do signo e da estrutura. São as do acontecimento e da série, com o jogo de noções que lhes estão ligadas; regularidade, acaso, descontinuidade, dependência, transformação; é por intermédio deste conjunto de noções que esta análise do discurso se articula com o trabalho dos historiadores e de maneira nenhuma com a temática tradicional que os filósofos de ontem tomam ainda por história “viva”. (IBID, p.57).

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

Em uma conferência ministrada no Japão ainda em 1970 e publicada em 1972 sob o título “Retornar à história”, podemos observar bem o peso da historiografia na constituição da genealogia. Nesta conferência Foucault reconhece o impacto da história serial em sua pesquisa. A história serial já foi aludida na *Introdução* e em alguns trechos da *Ordem do discurso* e surge como a principal interlocução entre Foucault e a história. Foucault foi um leitor atento de historiadores seriais, como Braudel e Chaunu. A história serial é uma forma de história problema “que define seu objeto a partir de um conjunto de documentos dos quais ela dispõe” (IBID, p. 290). Estas pesquisas revelavam oscilações de preço, curvas de natalidade, crescimentos, estagnações, evidenciando a existência de diferenças, de descontinuidades, ali onde aparentemente havia estabilidade. A noção de acontecimento passa a ser questionada. Afinal, se na história “tradicional” acontecimento era o evento grandioso e visível do qual cabia aos historiadores lhes resgatar sua causa, seu sentido, a partir da história serial o acontecimento passou a receber um novo estatuto, pois as curvaturas nas estatísticas indicavam que alguns acontecimentos que não receberam a devida atenção (um súbita explosão demográfica ou uma inflação, ou ainda períodos enormes de imobilidade como demonstrou Ladurie) foram fundamentais para a constituição das sociedades. Desta forma,

Vemos, portanto, na história serial, não absolutamente o acontecimento se dissolver em proveito de uma análise causal ou de uma análise contínua, mas os estratos de acontecimentos se multiplicarem (IBID, p. 292)

Para Foucault a história tal como praticada pelos autores ligados aos *Annales* promoveu um verdadeiro processo de descontinuidade temporal ao focar os processos em longa duração. Desta forma, apesar de buscarem as continuidades, o que os historiadores seriais acabaram desvelando foi justamente a multiplicidade de acontecimentos.

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

A história aparece então não como uma grande continuidade sob uma descontinuidade aparente, mas como um emaranhado de descontinuidades sobrepostas. A outra consequência é que, por isso, se foi levado a descobrir na história tipos de durações diferentes (IBID, p. 293).

O tempo tripartido de Braudel é aludido por Foucault ao elaborar um resumo da história dos preços sob ciclos de curta, média e longa duração. No entanto, o tempo tripartido de Braudel não parecia suficiente ao genealogista, era necessário reconhecer a história como “Uma multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns nos outros” (IBID, p. 293) Le Goff ressalta esse distanciamento, já que o interesse de Foucault pela noção de longa-duração se deu “essencialmente porque ela permitia, justamente, perceber melhor as descontinuidades, as rupturas, o folhear das diversas durações temporais” (LE GOFF, 2003, 205). Neste sentido, Foucault convida os historiadores a “multiplicar os tipos de acontecimento como se multiplica os tipos de duração” (FOUCAULT, 2005, 294). Aqui observamos o desvio entre genealogia e história.

Ainda seguindo nosso recorte temporal chegamos a 1971, data de publicação de mais um texto fundamental para as bases da genealogia: trata-se de “Nietzsche, a genealogia e a história” (FOUCAULT, 2000, p. 260-281). Neste artigo, dedicado a seu falecido orientador, Jean Hyppolite, Foucault aprofunda alguns fundamentos da genealogia e o diálogo com os historiadores se modifica. Neste texto vemos emergir no pensamento foucaultiano a presença de Nietzsche, em especial em sua tarefa de traçar uma genealogia.

O genealogista parte da oposição “à pesquisa da ‘origem” (IBID, p. 261). Para Foucault o conceito de *origem* em Nietzsche esbarrava em problemas de tradução já que termos tão diferentes entre si, como *Ursprung*, *Entstehung* e *Herkunft*, acabavam recebendo a denominação comum de *origem*. A *Ursprung* refere-se ao começo histórico, à suposta origem estável das coisas. Para Nietzsche,

Engrandecer a origem, esta é a suposição metafísica que se põe a germinar quando se considera a História, e que leva a pensar que no começo de todas as coisas se encontram as coisas mais preciosas e essenciais (NIETZSCHE, 2005, p. 208)

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

A genealogia ao recusar a *Ursprung* multiplica as construções, as invenções, pois admite que os objetos de pesquisa “são sem essência ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas” (IBID, p. 262). A loucura, por exemplo, apresentou inúmeras formas de classificação, de tratamento ao longo da história, não contendo um núcleo, uma origem afinal. Ao longo da história diferentes comportamentos foram atribuídos ao objeto loucura e diferentes estratégias práticas foram traçadas para lidar com a loucura, que não pode, desta forma, ser reduzida a um elemento .

Para Foucault era necessário fragmentar a noção de origem, pois “Termos como *Entstehung* e *Herkunft* indicam melhor do que *Ursprung* o objeto próprio da genealogia” (IBID, p. 264). A *Herkunft* é aqui traduzida como *proveniência*, termo que designa o elemento de dissociação da origem. Afinal, para demonstrar que não existe uma origem estável, é necessário enumerar a confusão dos acontecimentos no ponto em que se imaginava um começo: “Ali onde a alma pretende se unificar, ali onde o Eu se inventa uma identidade ou uma coerência manter o que se passou na dispersão que lhe é própria” (IBID, p. 265). Trata-se, portanto de multiplicar as possibilidades em torno de um mesmo objeto para mostrar que a *origem* não passa senão de uma escolha, enfim “A genealogia não pretende recuar no tempo para estabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento” (IBID, p. 265).

Entstehung, por sua vez, é traduzida por Foucault como *emergência*, como “o ponto de surgimento” (IBID p. 267). A *emergência* refere-se ao ponto específico no qual podemos perceber a inversão de relação de forças, o ponto de partida da análise dos objetos. O saber é também um campo de luta, campo no qual o perdedor é condenado ao esquecimento

História das morais, dos ideais, dos conceitos metafísicos, história do conceito de liberdade ou da vida ascética, como emergências de diferentes interpretações. Trata-se de fazê-las surgir como acontecimentos no teatro dos procedimentos (IBID, p. 270).

Foucault então questiona quais as possíveis relações entre a história e a genealogia, traçando seus pontos de afastamento. Para ele os historiadores tentam “apagar o que pode revelar, em seu saber, o lugar de onde eles olham, o momento em que eles estão, o partido

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

que eles tomam” (IBID, p. 274). O genealogista, ao contrário deve arcar com o peso de suas escolhas, estabelecendo inclusive como sua ética (Cf. Foucault, 2010) expor as regras técnicas com as quais efetua a pesquisa. A genealogia que Foucault buscou em Nietzsche se configura como *história efetiva* (*Wirkliche historie*) que se opõe à “história tradicional”, compreendida aqui como,

Uma história que teria por função recolher, em uma totalidade bem fechada em si mesma, a diversidade finalmente reduzida do tempo: uma história que permitiria nos reconhecermos em todo lugar e dar a todos os deslocamentos passados a forma da reconciliação; uma história que lançaria sobre o que está atrás um olhar de fim do mundo (IBID, p. 271).

Tal definição de história é semelhante àquela denominada “história global” na Arqueologia, uma história que buscava estabelecer uma identificação com o passado. A genealogia, ao contrário, valoriza a ruptura, para isso foca sua pesquisa em torno do acontecimento buscando analisar sua *emergência* (compreendida como ponto no qual uma determinada idéia, um determinado valor, se legitima, cristaliza-se como uma verdade) e sua *proveniência* (o contexto que possibilitou que este objeto possa ter emergido em meio a uma série de possibilidades, de alternativas que lhes eram contemporâneas).

Ao analisar esses três textos, e as entrevistas que ocorreram no ínterim, percebemos uma mudança no tom do diálogo que Foucault empreende com a história. Na *Introdução* notamos um tom de aproximação, de demarcar os caminhos comuns entre a arqueologia e os historiadores para justificar os delineamentos do projeto arqueológico. Em *A ordem do discurso* observamos a emergência da genealogia no pensamento de Foucault, encarada, neste ponto, enquanto um dos elementos metodológicos para se abordar a história dos sistemas de pensamento, ainda profundamente inserida no campo historiográfico. Já em “Nietzsche, a genealogia e a história” vemos o filósofo se distanciando da história dos historiadores, associando a Nietzsche as matizes teóricas de seu trabalho. Assim, a genealogia surge como bifurcação da análise histórica que visa estabelecer uma “contramemória”. No entanto, e este ponto é fundamental em nosso argumento, observamos que a genealogia, em sua constituição, dialoga com a história, extrai desse diálogo suas

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO FOUCAULTIANO E A *NOUVELLE HISTOIRE*:
ressonâncias entre genealogia e historiografia – por Lucas de Almeida Pereira

primeiras delimitações. Como vimos, elementos tão caros à genealogia, como a descontinuidade, a nova concepção de documento e a reconceitualização do acontecimento estão ligados à historiografia. O que buscamos ressaltar foi o papel decisivo do debate de Foucault com os historiadores dos *Annales*, no momento preciso da emergência do conceito de genealogia.

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Editora presença, 1989, 3ª Edição.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996

_____. *Ditos e escritos Vol. II: Antropologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

LE GOFF, Jacques (Org.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976

_____. "História do cotidiano" in: *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1986.

_____. *Reflexões sobre a história*. Lisboa: Edições 70, 1982.

REIS, José Carlos. *Nouvelle Histoire e tempo histórico*. São Paulo: Ática, 1994b.

_____. *Escola dos Annales: A inovação em história*. Paz e Terra, 2000

.

Recebido em 06 de agosto de 2011

Aprovado em 19 de outubro de 2011